

AdUFRJ se reúne com reitoria e quer nova resolução sobre progressões docentes

Página 6

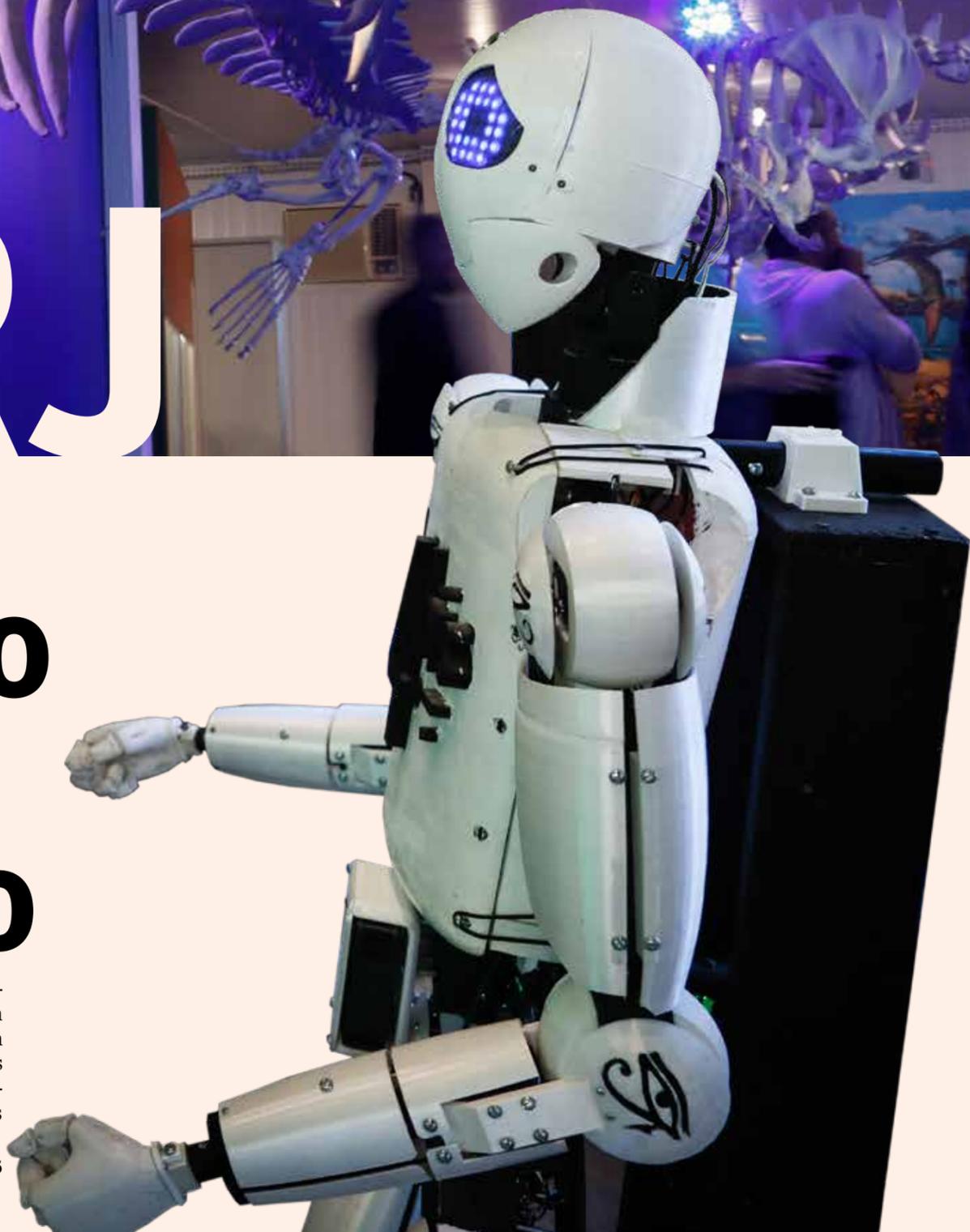


UFRJ

Preserva o Passado & Pensa o Futuro

Em meio às restrições orçamentárias e aos recorrentes problemas estruturais em seu dia a dia, a UFRJ mostrou sua força em dois eventos que unem passado e futuro. Na inauguração de um novo espaço voltado a escolas, o Museu Nacional expôs objetos resgatados dos escombros do incêndio de 2018 e, com eles, anunciou novos tempos. Já no Festival do Conhecimento, especialistas debateram avanços e desafios da Inteligência Artificial.

Páginas 2,3,4 e 5



FOTOS: JOÃO LAET



CRÂNIO de onça é uma das peças em exposição no campus de ensino e pesquisa do MN

Próxima parada na história: Estação Museu Nacional

> Novo espaço, inaugurado em agosto, retoma visitas guiadas de escolas com exposição “Um Museu de Descobertas”. Objetos resgatados do incêndio de 2018 recontam a tragédia e anunciam o futuro

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Logo na entrada da exposição “Um museu de descobertas”, na recém-inaugurada Estação Museu Nacional, crianças de escolas municipais do Rio de Janeiro deixaram suas impressões sobre a visita em bilhetes escritos em post-its coloridos. “Lugar incrível, espero voltar novamente”, “Mariposas e borboletas são a mesma coisa” e “Muito bom, adoro dinos” foram algumas delas. O mural é como uma sala de recepção: as crianças foram as protagonistas da abertura e são a razão de ser do novo espaço, inaugurado na última quinta-feira de agosto, quase seis anos depois do incêndio que consumiu o Palácio de São Cristóvão, principal sede do Museu Nacional.

A Estação retoma uma das principais atividades do museu, interrompida pela tragédia de 2 de setembro de 2018: as visitas guiadas para alunos das redes

pública e privada do Rio de Janeiro. O espaço, que também receberá grupos agendados, fica no campus de ensino e pesquisa do Museu Nacional — na Avenida Bartolomeu de Gusmão, 875, em São Cristóvão, Zona Norte carioca — e tem áreas dedicadas à cultura popular brasileira, como o samba e o teatro de mamulengos, aos povos indígenas, aos estudos de Egíptologia e de espécies como os anfíbios e os polvos.

REDESCOBERTAS

Os alunos da Escola Municipal Mestre Waldemiro, vizinha ao novo espaço, tiveram o privilégio de cortar a fita de inauguração da Estação Museu Nacional. Guiados por monitores, eles percorreram cada divisão da exposição com olhos ávidos por novas descobertas. “Tá tudo ótimo, aprendi muito aqui hoje. Gostei mais da parte dos sapos, não sabia que tinham tantos tipos”, se admirou o aluno Miguel Oliveira, de 12 anos, diante da variedade de espécies de anuros como o sapo-cururu, o sapo-martelo e a rã-manteiga.



Para muitos, esse museu não foi apenas a primeira instituição desse tipo que visitaram. Foi a única”

ALEXANDER KELLNER
Diretor do Museu Nacional

A área dedicada aos povos indígenas — “Maloca do Saber” — também fez sucesso com os estudantes. Lá estão utensílios e adereços das etnias kayapó (Mato Grosso e Pará), rikkaktsa (Mato Grosso), guarani-kaiowá (Mato Grosso do Sul) e karajá (Goias, Mato Grosso, Pará e Tocantins).

Para o diretor do Museu Nacional, Alexander Kellner, a inauguração da Estação tem

um peso simbólico enorme no processo de reconstrução. “Era imenso o nosso desejo em voltar a receber o público escolar. Esse é um aspecto fundamental de nossa instituição”, destacou o professor.

RECONSTRUÇÃO

Kellner lembrou que, depois do incêndio, muitos pensaram que as atividades do museu haviam sido totalmente interrompidas. “O museu nunca parou. Os nossos pesquisadores continuaram a fazer pesquisa, os nossos alunos não deixaram de defender suas dissertações de mestrado, suas teses de doutoramento. Quatro meses depois daquela tragédia, abrimos nossa primeira exposição, no Centro Cultural da Casa da Moeda do Brasil. E tivemos outras, como a do CCBB, um sucesso de público. As pessoas têm pelo Museu Nacional uma memória afetiva enorme. Para muitos, esse museu foi não apenas a primeira instituição desse tipo que visitaram. Foi a única”, disse o diretor do MN.

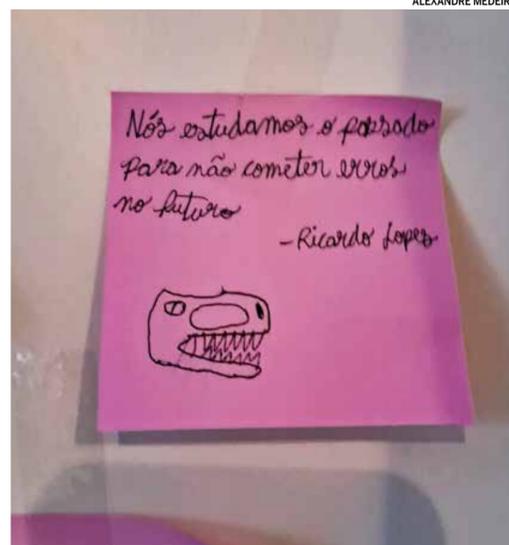
As doações recebidas depois do incêndio têm lugar de desta-

que na exposição. Uma delas fica bem na entrada da mostra, um fóssil de Leão-Marinho-do-Sul, doado pelo Zoológico de São Paulo. A ONG Aquasis, do Ceará, doou um fóssil de peixe-boi marinho que chamou a atenção da criança: o animal, com apenas 2.500 indivíduos adultos na natureza, está em perigo de extinção. Das escolas de samba Grande Rio e Imperatriz Leopoldinense vieram instrumentos de bateria, fantasias e adereços.

Várias instituições participaram da campanha de doações para recomposição do acervo do museu. Uma rara edição da “História da Colonização Portuguesa no Brasil” (Porto, Portugal, 1924), ofertada pelo Real Gabinete Português de Leitura, é uma delas. Do Museu Nacional de História Natural de Paris veio uma réplica de um celacanto. Há também doações de acervos particulares, como uma concha de “titanostrombus goliath” da coleção de moluscos do cantor e compositor Nando Reis.

A campanha “Recompõe” foi lançada pelo Projeto Museu Nacional Vive em setembro de

ALEXANDRE MEDEIROS



DESEJOS Mural com bilhetes deixados pelas crianças expressa não apenas impressões sobre a exposição, mas também esperança de que logo o museu retome sua plena pujança



BORBOLETAS empalhadas em telas encantaram os estudantes



PEÇAS confeccionadas a partir de cinzas do incêndio são destaque

2021, três anos após o incêndio, e já angariou 10.000 peças. Esse novo acervo está sendo catalogado e vai compor quatro novos circuitos de visitação quando o Palácio de São Cristóvão for reaberto: Histórico, Universo e Vida, Diversidade Cultural e Ambientes do Brasil. Quem quiser contribuir pode se informar em (recompoe.mn.ufrj.br/acervo).

FUTURO

Na inauguração da Estação Museu Nacional, a direção da instituição lançou a campanha de doações “Resgate o Gigante” (<https://benfeitoria.com/projeto/resgateogigantepromuseunacional>), com o objetivo de reconstruir uma réplica do esqueleto do dinossauro “Maxakalisaurus topai”, apelidado pelo público de Dinoprata. O gigante pré-histórico chegava a medir 13,5 metros de comprimento, e a campanha pretende arrecadar recursos para que a réplica seja uma das principais atrações do futuro museu, como um símbolo da reconstrução.

Talvez as peças mais simbó-



MINERAIS doados ou resgatados integram a mostra do novo espaço



MONITORES orientam os estudantes e lideram atividades em grupo



FOTOS: JOÃO LAET



DIRETOR Alexander Kellner diz que inauguração tem peso simbólico no processo de reconstrução do MN

licas da exposição “Um museu de descobertas” sejam aquelas resgatadas dos escombros do incêndio de 2018. Elas contam uma dolorosa e vigorosa história de dedicação e carinho ao Museu Nacional. Uma delas é uma réplica do amuleto de escarvalho da sacerdotisa egípcia Sha-Amun-em-su feita com as cinzas do Museu Nacional. O resgate do amuleto nos escombros, em 2019, permitiu uma digitalização em 3D e a confecção da réplica exposta. O amuleto original foi encontrado dentro do esquife da sacerdotisa, que foi sepultada em Tebas por volta de 750 a.C. O esquife foi recebido por D. Pedro II como presente do rei egípcio Quediva Ismail, em 1876.

“A exposição traz as informações que cada objeto carrega, são histórias que estão sendo contadas. Há descobertas que foram feitas pelos nossos técnicos e docentes após o incêndio. Toda a pesquisa que não parou está aqui refletida, em uma linguagem acessível ao público escolar”, pontuou Juliana Sayão, diretora de Integração Museu e

Sociedade do MN.

De acordo com Juliana, a Estação Museu Nacional abre um novo capítulo na já consolidada integração entre o museu e a sociedade. “Veja em volta. Estamos aqui entre a estação de São Cristóvão, uma das mais democráticas de nossa cidade, que liga a Zona Norte ao Centro e à Zona Sul, e a Estação Primeira de Mangueira, um dos mais importantes polos culturais do Rio de Janeiro. Estamos nesse lugar interligando sociedade, cultura e ciência. Depois de tudo pelo que passamos, é muito emocionante fazer parte dessa reconstrução”.

Na saída da exposição, que tal mais uma olhada no mural de bilhetes dos estudantes? Um deles chama a atenção pela reflexão que cai como uma luva na saga do museu que, aos poucos, vai renascendo das cinzas. “Nós estudamos o passado para não cometer erros no futuro”. Outro traz um desejo, tão simples como um pedido de criança: “Eu quero que o Museu Nacional volte logo, e com mais coisas”. Assim esperamos.

MUITO ALÉM DOS ALGORITMOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

> Festival do Conhecimento da UFRJ avaliou vantagens e desafios da aplicação da tecnologia

RENAN FERNANDES
comunica@adufrj.org.br

A análise dos múltiplos usos da inteligência artificial mobilizou quatro dias de intensa programação do Festival do Conhecimento da UFRJ. A quarta edição do evento, realizada entre 27 e 30 de agosto, contou com 11



JOÃO LAET

mesas especiais e 46 lives que juntaram pesquisadores da universidade e convidados externos. Mais de três mil pessoas se inscreveram para acompanhar as atividades.

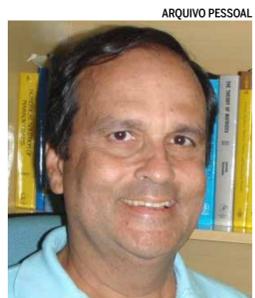
“O Festival foi incrível! O público encheu o salão do Fórum da Ciência e Cultura e acompanhou também nas redes”, comemorou a pró-reitora de Extensão, professora Ivana Bentes.

“Quem assistiu ao Festival saiu informado de todas as grandes questões sobre IA, os desafios e o que tem de bom também. Conseguimos mesclar pessoas muito experientes e outras jovens, com formações diferentes, de realidades diferentes, e essa diversidade foi muito importante”, completou.

Pela primeira vez desde a criação em 2020, durante a pande-

mia, o Festival apresentou atividades presenciais. “O modelo híbrido foi muito importante e funcionou perfeitamente. Muitos convidados só puderam participar de forma remota e isso enriqueceu muito os debates”, afirmou a pró-reitora.

Confira, a seguir, as entrevistas que o Jornal da AdUFRJ realizou com alguns dos principais nomes do Festival.



ARQUIVO PESSOAL

EDMUNDO SOUZA E SILVA
O professor Edmundo Souza e Silva, do Programa de Engenharia de Sistemas e Computação da Coppe, participou da primeira mesa do Festival do Conhecimento, no dia 27, com o tema “Descomplicando a IA”. O painel discutiu a importância da alfabetização digital da sociedade.

O que é a inteligência artificial?

Inteligência artificial é um conceito muito amplo. Existem vários algoritmos por trás de uma IA. Não sabemos por que o modelo que o ChatGPT usa, chamado de linguagem de grande porte, dá aquelas respostas. Então, não temos como prever o que vai acontecer. Existem pesquisas no mundo inteiro para entender como o algoritmo funciona para poder dar determinada resposta, porque isso tem um impacto enorme no resultado. As respostas são tão boas quanto os dados de entrada. Se você tem dados ruins, as respostas serão ruins. A IA chamada “explicável” é a possibilidade de entender porque os algoritmos dão determinada resposta para que possamos intervir e evitar erros.

Qual é o caminho para descomplicar a IA?

Para mim existe uma palavra: educação. Avançamos com a capacidade de criar modelos para entender o mundo, mas precisamos aumentar o nível de alfabetização digital da sociedade. A disparidade pode aumentar as desigualdades educacionais. A

IA é mais uma tecnologia que, no momento, está na moda. Precisamos ter mais gente, mais massa crítica, entendendo como a tecnologia pode ajudar a lidar com problemas. Para isso, precisamos de mais integração entre os campos de saber. Na UFRJ, temos que fazer um esforço para sermos mais integrados como um corpo da universidade. Ainda somos muito compartimentalizados.

O senhor vai assessorar a reitoria para assuntos de IA?

O tema da Academia Brasileira de Ciências esse ano foi Inteligência Artificial e foi criado um documento chamado “Recomendações para o avanço da IA no Brasil”. Num evento da Academia, conversando com outros professores da UFRJ, nos organizamos para agitar a universidade a fim de ter mais gente discutindo esse tema. Levamos a ideia até o reitor e ele aceitou. Queremos organizar eventos, conhecer os problemas de cada unidade e propor discussões para criar soluções. A ideia é traçar caminhos para, quem sabe, desenvolver também um documento voltado para a própria UFRJ.



ARQUIVO PESSOAL

JOANA VARON

Joana Varon é fundadora e diretora executiva da Coding Rights, organização feminista que atua e debate tecnologia sob uma perspectiva coletiva, decolonial e antirracista de defesa de direitos humanos.

Como é pesquisar e debater a questão da moderação da inteligência artificial?

O tema é dinâmico e nos últimos anos tudo está muito mais acelerado. Faz parte do processo de escrita do Marco Civil da internet em 2009 e eram outras preocupações. Desde então, vivemos uma centralização das grandes empresas de tecnologia e uma articulação dessas



RENAN FERNANDES

mente o desenvolvimento tecnológico das grandes empresas. Elon Musk aparece em fotos em poses semelhantes à de capas de revistas e livros, cartazes de filmes famosos, para impulsionar sua narrativa. Esses imaginários são coloniais, patriarcais, com uma visão eurocêntrica do que é ciência, progresso e conhecimento. Essa visão está no levando para um colapso ambiental. No Brasil e no Sul Global, temos que proteger nossas expressões culturais e precisamos dar luz para nossos imaginários irem para a tecnologia.

É possível uma IA decolonial?

Gestores públicos precisam ter consciência de que é preciso investimento em pesquisa, desenvolvimento e educação para construir um ecossistema para a produção das nossas tecnologias. As empresas fazem ferramentas para um mercado global e universalizam as soluções. A universalização demanda o apagamento de tudo que foge ao padrão. É possível trabalhar com tecnologia a partir de uma perspectiva local e menos universalizante, mais responsável com o meio ambiente e voltada para as nossas necessidades.

Esse poder dita os rumos da inteligência artificial?

Inteligência artificial é um termo mais de marketing que técnico. Os imaginários de ficção científica estão guiando imagética-



REPRODUÇÃO

KÁTIA AUGUSTA MACIEL

Kátia Augusta Maciel, professora do Programa de Pós-graduação em Mídias Criativas da Escola de Comunicação, traçou um panorama das potencialidades e limitações da IA na produção de textos, imagens ou vídeos.

A IA ainda é muito limitada como tecnologia criativa?

Pergunta para o ChatGPT que é você. Ele vai pegar um monte de informações que não têm nada a ver com você. Tenho uma colega homônima na Escola de Comunicação, que é uma artista. A possibilidade de uma IA misturar nós duas por conta do mesmo nome é enorme. É muito claro que a IA é limitada, genérica, não tem muita substância, afeto. É importante a gente perceber tanto o potencial dessas ferramentas quanto suas limitações. É entender para tirar esse mito que a inteligência artificial é uma coisa espetacular, que vai criar coisas incríveis. Ela foi criada por nós e a maneira como ela vai se desenvolver, como vai proporcionar o avanço da humanidade, também depende de todos nós.

Como usar a IA em processos criativos?

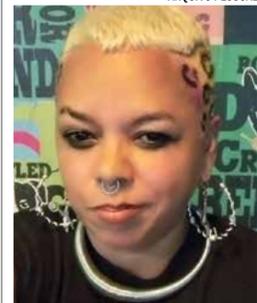
A gente não deve deixar a IA pensar ou criar por nós. Isso é um erro grotesco. Só vai acontecer repetição em cima de repetição. Daqui a pouco, estará todo mundo criando a mesma coisa. A gente precisa criar com, pensar com a inteligência artificial. Usá-la como assistente para sermos mais criativos, mais eficientes. Eu, por exemplo, não sei desenhar e trabalho com audiovisual. Tinha muita dificuldade de fazer um storyboard (roteiro com desenhos em ordem cronológica) de um filme. Hoje, a IA pode me ajudar a fazer o storyboard. Mas não vai me ajudar a filmar. Ainda vou precisar trabalhar com meus colegas humanos atores, fotógrafos, diretores.

O que é o projeto de extensão Metaversidade que a senhora coordena?

Estamos proporcionando cursos de curta duração para estudantes da periferia para promover a inclusão digital. Estamos formando estudantes de dois CIEPs de Nova Iguaçu: o 026 e o 345, através de uma parceria com a Secretaria Estadual de Educação do Rio e o Consulado da Suécia. Levamos o conhecimento sobre as tecnologias digitais em rede para estes estudantes. Ou seja: sobre realidade virtual, o metaverso, realidade

aumentada e agora estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre inteligências artificiais generativas. Para que elas possam aprender a usar, mas de uma forma crítica. E, dessa forma, diminuir o abismo que há entre os excluídos e os incluídos digitalmente.

ARQUIVO PESSOAL



GI SANTOS

Gi Santos é educadora, empreendedora e especialista em tecnologia educacional. Estreou no último mês de agosto como apresentadora do programa “Assunto na Mesa”, no Canal Futura, onde recebe convidados para debater os impactos da inteligência artificial na educação e no dia a dia das pessoas.

Como novas tecnologias auxiliam o ensino?

Fui professora de Inglês durante muito tempo. Antes mesmo da pandemia da covid-19, já trabalhava com videoconferências conectando crianças daqui do Brasil com crianças que vivem nos Estados Unidos. Com ferramentas de realidade virtual, fazia passeios para melhorar a experiência de aprendizagem, ir além das páginas dos livros. Agora, a realidade aumentada permite que o aluno seja protagonista e interaja com o material didático. Hoje, trabalho com educação corporativa, dialogando com empresas como a inteligência artificial pode ser aplicada de forma ética na educação.

A transparência é uma questão-chave para essa aplicação ética?

A IA está presente no nosso cotidiano. Quando passamos por câmeras de segurança com reconhecimento facial, a IA está ali. Será que somos vistos da mesma maneira por essas câmeras? As placas dizem “sorria! você está sendo filmado”, mas não dizem por que estamos sendo filmados, por quem, para onde vão nossos dados. E não é apenas no caso da segurança. Existem estados discutindo a possibilidade de adotar nas escolas a presença por reconhecimento facial. O que, além da chamada, vai ser registrado? Que outras características dos estudantes vão ser notadas para traçar um perfil? A transparência é importante para sabermos o que está sendo feito com os nossos dados, se eles estão sendo vendidos sem nosso consentimento.

Seu trabalho no Canal Futura é uma continuidade da sua atuação como educadora popular?

A IA é controlada por poucas pessoas que não têm, necessariamente, interesse de que sejamos educados para conhecer o seu funcionamento. Precisamos explicar para a sociedade de forma simples como funcionam essas tecnologias. Explicar que IA não é robô, que existem algoritmos por trás e o que isso significa. Acredito demais no poder da educação. Com transparência e ética, existem grandes possibilidades de usos muito positivos, mas esse é um terreno de debate e disputa. Estou na televisão porque é papel da TV mostrar às pessoas que elas também podem fazer parte dessa discussão. Espero que o “Assunto na Mesa” ajude a popularizar o tema para que tenhamos mais mesas de debates como as que tivemos aqui no Festival do Conhecimento.

ALBERT ANDRADE



FABIO SCARANO

Professor do Instituto de Biologia e curador do Museu do Amanhã, Fabio Scarano defendeu o diálogo entre diferentes tipos de ciência para ajudar a resolver os problemas do mundo. E, otimista, espera que a “inteligência artificial” seja aplicada nessa direção.

Qual a importância de discutir o diálogo da IA com outras inteligências?

É importantíssimo. Não dá para dizer “não gosto”. Já deixou de ser isso. É uma questão de “como”: como a gente vai usar isso melhor, que seja sempre democrático, inclusivo das pessoas mais diversas e mesmo de outras espécies. Como defendi aqui, até as plantas têm inteligência. Quem sabe a gente não consegue incorporar isso a essas inteligências mecânicas?

Como assim?

Nós somos fisicamente conectados. Mas, de certa maneira, a sociedade moderna se desconectou espiritualmente: uns dos outros e do mundo natural que nos cerca. Essa desconexão implica uma deficiência da nossa capacidade de sentir. Então a gente não sente as mudanças no mundo. Nós falamos em mudanças climáticas há 40 anos, mas todo ano a gente quebra recorde de emissão de gás estufa. Existe uma distância entre entender e agir e o que está no meio dessas duas coisas é sentir. Para sentirmos, temos que estar conectados com o mundo.

Como podemos fazer isso?

A palavra ciência significa, no latim, conhecimento. A ciência moderna é um tipo. Temos ciên-



RENAN FERNANDES

cias religiosas, ciências ligadas ao campo artístico, ciências ancestrais. Não há conhecimento que a gente possa abrir mão em um mundo com tantos problemas como o atual. Como a ciência moderna vem sendo a forma de representação da realidade dominante há pelo menos 300 anos, cabe muito a ela abrir esse diálogo. Esta atitude faz com que a própria ciência moderna cresça. Na minha própria prática de pesquisa com as plantas, trabalhei muito com indígenas, com povos locais que me ensinaram um monte. E um aprende com o outro. São formas diferentes de lidar com a realidade, todas elas muito valiosas. As pessoas dizem que sou otimista. Como dizia o Ariano Suassuna, acho que sou realista esperançoso. Temos dois imperativos no mundo. Um é o da digitalização; outro é o da sustentabilidade. Na medida em que não podemos correr delas, acho que temos sabedoria suficiente para fazer com que tenham sinergia positiva.

O PL 2630, ou PL das fake news, é a solução para a regulação da internet no Brasil?

Difícilmente vamos chegar a um texto perfeito porque ainda estamos tateando os problemas quanto à IA. O Marco Civil da internet foi um texto muito elogiado quando foi sancionado, mas precisa de atualizações. Isso é normal com legislações sobre tecnologias. O PL 2630 precisa ser melhorado. O ideal é que cheguemos a um texto elogiado neste momento, sabendo que vamos ter que atualizá-lo daqui a cinco ou dez anos. O que não dá é para não ter nenhuma regulação. Está claro que esperar uma autorregulação do mercado de internet não funciona.



REPRODUÇÃO

GUILHERME AMADO

O jornalista Guilherme Amado é diretor de conteúdo do projeto Redes Cordiais, que busca construir uma internet mais comprometida com diálogos democráticos. Amado abordou a regulação das redes sociais e da inteligência artificial no país.

O que é o projeto Redes Cordiais?

O projeto foi criado em 2018 quando eu e dois amigos jornalistas estávamos preocupados com o que se avizinhava no Brasil. Houve o ataque à caravana do Lula no Paraná, o assassinato da Marielle no Rio de Janeiro e um candidato muito habilidoso

para usar o discurso de ódio para conquistar capital eleitoral. Estávamos aflitos porque víamos que a principal resposta do Jornalismo para melhorar o ambiente digital, a checagem de fatos, era como enxugar gelo. Para cada fake news derrubada, havia dezenas de outras criadas. Pensando no que poderíamos fazer para mudar esse cenário, chegamos à educação midiática, a ideia de criar um ambiente digital mais saudável. Trabalhamos com influenciadores digitais e já formamos 350 pessoas nesses seis anos. São cursos, workshops e palestras com especialistas, em que oferecemos um conjunto de conhecimentos para mudar a atitude nas redes sociais para influenciar os seguidores a adotarem uma nova conduta.

Existe uma defasagem na cobertura de inteligência artificial no Brasil?

Antes de o jornalista se preparar para usar a IA, ele precisa se preparar para cobrir a IA. É um dever de casa a ser feito. Conceitos básicos são desconhecidos, questões sobre a regulação não são discutidas. Isso é reflexo também da falta de braço nas redações. Recentemente, uma fonte me passou uma informação de uma audiência pública sobre IA no Senado. Procurei mais informações na internet e não tinha nada. Ninguém enviou repórter para cobrir. Falta investimento para uma cobertura mais especializada como essa.

ADUFRJ QUER NOVA RESOLUÇÃO SOBRE PROGRESSÕES

KELVIN MELO

Transformar em resolução da universidade o que a Justiça já reconhece como direito dos professores em relação às progressões. Este foi o objetivo de uma reunião entre a diretoria da AdUFRJ e a reitoria, na tarde desta quinta-feira (5).

Desde novembro, por conta de uma ação civil pública movida pelo sindicato, uma sentença da 32ª Vara Federal do Rio de Janeiro garante que os efeitos acadêmicos e financeiros de cada avanço na carreira sejam retroativos ao momento em que os professores cumprem os requisitos de tempo trabalhado e produção suficiente.

“A decisão judicial tem caráter de tutela de urgência. Ou seja, a UFRJ foi intimada a cumprir de forma imediata, mesmo que haja recurso por parte dos procuradores”, explicou o assessor jurídico Renan Teixeira, da AdUFRJ.

A diretoria quer agilizar a regulamentação interna neste sentido. Mas, quase um ano após a sentença judicial, o novo cenário ainda não se confirmou na legislação do Conselho Universitário. Em uma proposta de resolução do Consuni que tramita no Sistema Eletrônico de Informações (SEI), os efeitos financeiros só teriam vigência a partir da data do pedido de progressão.

SIMPLIFICAÇÃO

Os diretores também reivindicaram à reitoria que a minuta de resolução ajude



PROGRESSÕES. Diretoria da AdUFRJ quer agilizar resolução sobre progressões

a simplificar os processos internos de progressão. A ideia é retirar uma extensa pilha de documentos comprobatórios de cada atividade realizada, no protocolo do processo. “Isso tudo é um retrabalho que viola a presunção de inocência do professor. Além disso, coloca em situação de insegurança os institutos que não concordam com isso e não fazem essas exigências”, afirmou a presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart. Uma alternativa seria o professor só ter que apresentar algum documento comprobatório, em caso de pedido da comissão

examinadora.

O reitor concordou que há um excesso de documentação nos processos. Por outro lado, manifestou preocupação em adotar a retroatividade dos efeitos financeiros na resolução do Consuni, sem amparo da Advocacia-Geral da União. Para ter mais segurança jurídica, o reitor acatou a sugestão do sindicato e marcou uma reunião com o procurador da universidade sobre o tema, no próximo dia 24. “Se a gente tem a segurança jurídica, inclusive com o apoio do procurador, eu concordo plenamente”, disse Medronho.

NOVO RESULTADO DO PIBIC REPÕE BOLSAS CORTADAS

A pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa divulgou, dia 4, o resultado atualizado do edital relativo aos programas de bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas (PIBIC-Af) e bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI). São 1.478 professores contemplados com 2.029 bolsas. Na lista anterior, eram 1457 pesquisadores com 1582 bolsas.

O Comitê Institucional do PIBIC informa que ainda irá distribuir mais 121 bolsas de reserva técnica para fazer ajustes na concessão atual. “Queremos distribuir o quanto antes. Possivelmente, nos próximos dias, pelo menos uma parte”, afirma o professor Thiago Grabois, coordenador do grupo.

A nova lista e a reserva técnica vão recompor os 50% da cota da universidade que haviam sido cortados da primeira listagem por questões financeiras. Somente após uma sinalização positiva de novos recursos por parte do MEC, a reitoria decidiu recuperar a contrapartida da UFRJ em relação às bolsas oferecidas pelo CNPq. O ministério ainda não confirmou a suplementação orçamentária.

Festa de

BOAS-VINDAS!!!

AdUFRJ CONVIDA para comemoração do **RECOMEÇO DAS AULAS** e **RECEPÇÃO DE NOVOS ASSOCIADOS**.

Durante o **EVENTO** será lançada a **CAMPANHA PELA QUALIDADE DE VIDA DOS PROFESSORES** e apresentação do **CONVÊNIO** com o **GYMPASS**. **PARTICIPE!!**



Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Avenida Rui Barbosa, 762